

Revoluções e Relações Internacionais: Entrevista com Analúcia Danilevicz Pereira, Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

1. A senhora concorda que o tema e a pesquisa sobre revoluções, tanto teórica como histórica, é um assunto negligenciado pelo mainstream acadêmico das Relações Internacionais, seja no Brasil ou no exterior? Se sim, por que isso ocorre?

Sim, concordo. Em termos teóricos, a área de Relações Internacionais (que é nova no Brasil) é influenciada pela construção anglo-saxônica. Como sabemos, essa construção serviu aos propósitos geopolíticos dos grandes centros de poder mundiais. Nessa lógica, o estudo das Relações Internacionais nos níveis político, econômico e securitário correspondeu às necessidades de compreensão dos cenários mundiais e consequente projeção de poder, desconsiderando os processos históricos decorrentes das experiências revolucionárias.

O estudo das revoluções é fundamental para compreender o impacto sistêmico que as mesmas produziram, seja a revolução capitalista dos Séculos XV e XVI, sejam as revoluções burguesas dos Séculos XVIII e XIX, seja a revolução socialista do Século XX. Foram as revoluções que definiram a estrutura do Sistema Internacional e as suas dinâmicas, e não as guerras ou os conflitos, que fazem parte exclusivamente do grande jogo de poder mundial - inclusive, como meio e desdobramento dos processos revolucionários. A revolução capitalista construiu o sistema

mundial moderno; já a revolução socialista tornou esse sistema tão mais complexo a ponto de condicionar o próprio modelo capitalista do mundo Ocidental.

2. Por que as revoluções rompem com o Sistema Internacional vigente?

A revolução, para ser considerada como tal, pressupõe a eliminação das estruturas econômica, política, social e cultural vigentes e a fundação de uma outra estrutura que tem como base um projeto totalizante e de novo tipo. Nesse sentido, a revolução representa um conjunto de mudanças que redefinem desde as atividades produtivas e as decorrentes relações de trabalho até mudanças profundas em nível social e cultural. Assim como foi a experiência da revolução capitalista, que transformou radicalmente as sociedades envolvidas nesse processo, as revoluções socialistas igualmente criaram um novo modelo civilizacional a partir da visão que essas sociedades tinham de si mesmas.

3. Qual é o impacto das revoluções terceiro-mundistas na formação do Sistema Internacional do Século XX?

O pós-Segunda Guerra Mundial definiu uma nova correlação de forças em nível internacional. Nesse contexto, três novos fatores deverão ser considerados: (i) o fim da centragem de poder europeia em nível mundial, oportunizando a emergência de uma nova potência capitalista; (ii) o sucesso e o ineditismo do modelo soviético, em termos de organização estatal; (iii) e a emergência do Terceiro Mundo, que produzirá um impacto sistêmico decisivo quanto à nova balança de poder mundial.

Tendencialmente, e considerando esse novo cenário, os novos Estados que emergiram do sistema colonial tiveram duas vias a seguir na edificação dos seus projetos políticos, quais sejam, a manutenção dos laços prioritários com as suas antigas metrópoles ou a ruptura revolucionária - evidentemente inspirada no modelo soviético. E embora tenhamos que considerar a existência de um conjunto de Estados autodefendidos neutros, essa neutralidade fazia parte de uma estratégia.

As revoluções do Terceiro Mundo foram uma resposta à velha ordem imperialista do Século XIX, ao mesmo tempo em que deveriam incorporar tardiamente os valores do Estado moderno. Portanto, a ruptura teria que ser acompanhada da construção de elementos nacionais. A questão nacional, por sua vez, em boa medida

chocava-se com o elemento internacional. Boa parte dessas revoluções revelaram que a construção do caráter nacional era uma necessidade prioritária. Esse fato dificultou que essas revoluções avançassem como verdadeiras revoluções sociais, muito embora tenham havido experiências significativas e que impulsionaram o surgimento de novos Estados com forte conteúdo socializante nesse conjunto regional.

Se parte dessas experiências fracassaram, foi porque estiveram, de alguma maneira, condicionadas à ordem internacional bipolar. Por outro lado, o legado sociocultural da experiência revolucionária é incontestável, ainda que muitos desses Estados tenham adotado a economia de mercado desde o colapso do bloco socialista.